

Herança musical no DNA

Iuri Botão
iuri@jornal.com.br

Nem mesmo Cíntia Pinotti, 51, é capaz de pensar em si mesma sem fazer um paralelo com a música, tamanha a presença dela na vida da maestrina desde que se lembra. Ela até chegou a cursar engenharia, ciência que considera inclusive próxima da música, pela matemática, mas foi mesmo na música que encontrou seu caminho, que a levará, neste mês, a Portugal, para mais um capítulo de sua trajetória. Professora na Empem (Escola de Música de Piracicaba Maestro Ernst Mahle) por mais de 30 anos e atuando na seção de atividades culturais na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), ela vai à Europa com o Grupo Vocal Luiz de Queiroz. Em meio à rotina de ensaios de quatro horas por dia, ela fez uma pausa para conceder a entrevista da semana na série Persona.

Sua relação com a música começou em casa, certo?

Em casa, pois é já tinha música na família: a família da minha mãe tinha uma orquestra de cinema, e do lado do meu pai eles também tocavam em banda. Então não tem jeito, o ambiente favorece. Normalmente você vai entrar no mundo da música por quê? Ou pela igreja ou pela família. E no nosso caso, aqui, ainda a Escola de Música, que é uma raridade.

Foi importante ter esse incentivo? A resistência que as pessoas enfrentam ao buscar profissões na área das artes muitas vezes começa em casa.

É verdade. Mas quando você tem uma família em que a mãe tem regência na faculdade isso não acontece (risos). E ela era professora de piano na Escola de Música para poder pagar as nossas aulas, dos quatro filhos. Isso é uma coisa que já foi fazendo parte do dia a dia: ia para a es-

ta é uma atividade de liderança... hoje nós já temos várias, mas é uma atividade que, de repente, pode lembrar alguma coisa mais dura, mais bruta. É uma atividade de carregar peso, você carrega uma orquestra, carrega um coral. É mais fácil maestrina de coro, mas de orquestra e banda é mesmo mais raro.

Como você conseguiu?

O maestro precisa tocar vários instrumentos. Eu já estudava piano, clarineta e canto. Já tinha estudado percussão. Era um leque que fatalmente me levou para a regência. Claro que é uma coisa que as pessoas não têm muita facilidade, mas eu sempre dei aula de matérias teóricas, então eu conheço a estrutura da música, conheço vários instrumentos. Tinha que ser regente. Até me lembro que estava na faculdade, em Campinas, e o Benito Juárez (maestro) fez um teste de clarineta e falou: "Você entrou na orquestra. Você quer isso ou ser regente?" E eu falei, "ah, eu quero dar ordem, e não receber" (risos). É uma coisa mais ampla, envolve, tem toda uma questão social de envolver muita gente, que é algo gratificante.

Pela sua percepção, ser mulher nesse meio ajuda, atrapalha ou não faz diferença?

Atrapalha um pouco, mas só no primeiro momento. A pessoa acha, por ser uma mulher, que vai encontrar alguém delicado e amoroso. É delicado, é amoroso, mas tem pulso também. Tenho até uma história de quando fui para a Itália, reger uma orquestra romena. A regência é uma comunicação não verbal: era uma orquestra romena, de um professor italiano, e eu fui reger. Era (uma música de) Carlos Gomes. Regi, acabei, veio uma violista e disse: "Bravo! Você dirige como um homem!" E ela era romena, ou seja, de um país em que havia muito mais diferenças entre homens e mulheres. Já tive também as ve-

'Regi, acabei, veio uma violista e disse: 'Bravo! Você dirige como um homem!'

coloc normal, e ia para o estudo de música, todos fizeram isso. E dos quatro, as três mulheres ficaram músicos profissionais – e eu falo músico porque o nome da profissão é esse. E o Lauro, que também é ligado à cultura, fez arquitetura, cinema. E o pai que sempre incentivou. Mas eu fui fazer engenharia antes de fazer música, porque achei que precisava ter uma outra profissão. Apesar do incentivo, eu experimentei ainda. Mas não é distante, porque música e matemática são muito próximas. Já existia o sonho de ter faculdade de música em Piracicaba, então fui fazendo de engenharia para passar o tempo. A faculdade não veio, então fui fazer Unicap (Universidade Estadual de Campinas). Vinte anos depois, eu colaborei para montar o curso de licenciatura em música na Unimep, que agora já teve duas turmas formadas. E foi bom, porque fui conhecer outros lugares. Fiz graduação na Unicap, em clarineta e regência. Regência, aliás, que tem seis anos, 20 horas, e mais inclusive que a carga horária de medicina. E mestrado em musicologia na USP (Universidade de São Paulo).

O Dia Internacional da Mulher se aproxima, e ao falar com uma maestrina é difícil não lembrar que vocês ainda são raras. Por quê?

zes de alguém querer enfrentar. Mas o que prevalece é a qualidade do trabalho, do que você pode fazer. Em todo lugar é assim. As pessoas enfrentam você porque acham que sabem mais ou porque querem ver se você sabe, e isso tem em toda profissão.

Agora em março vocês vão a Portugal. É um intercâmbio cultural?

É um intercâmbio cultural.



A maestrina Cíntia Pinotti comanda o Grupo Vocal Luiz de Queiroz em apresentações pela Europa

No ano passado a Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP lançou editais para intercâmbio cultural. Tinha muito dinheiro para isso, então toda a USP se inscreveu. Cada propoente podia mandar três projetos. Mandei dois com o Grupo Vocal e um com o Coral Luiz de Queiroz. E isso também motivou meu distanciamento da Empem neste ano. Eu pensei: se um projeto for aprovado, vai ser muita coisa para eu fazer. Porque na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) eu trabalho seis horas, e então ia para a Escola de Música e ficava mais umas cinco. Então já avisei no final do ano para eles poderem se ajeitar. Os três foram aprovados. Fui a única da USP com três aprovados. O primeiro em Portugal, em março, que é o Encontro Universitário de Corais de Coimbra; o da Polónia, em junho, que é um encontro universitário em Posna; e o Forrobdó, da Chiquinha Gonzaga, que já montamos duas vezes aqui, em 2001 e 2004, e vamos repetir agora, fazendo quatro apresentações em que as unidades da USP vêm para cá. Não somos nós que levamos a produção, porque é muita gente, são 120 no palco. Já convidei o Carlos ABC, que vai fazer com a gente o Forrobdó, porque foi muito bom trabalhar com ele no Juriú, e ele vai estar com a gente.

Como foi o processo do Juriú?

É foi interessante que teve gente daqui (Esalq) que foi para lá (Empem), de lá que veio para cá... Tinha, há muito tempo, vontade de trabalhar com o Carlos ABC, a escola também queria fazer coisas com ele. Quando convidamos para o Juriú ele ficou bem motivado e lembrou do teatro (do Engenho) que ia inaugurar. A ideia então foi aproveitar isso, a secretaria (Municipal da Ação Cultural) também achou interessante. O teatro tem uma acústica muito boa, a parceria funcionou muito bem, foi muito gostoso de fazer. Eu tinha muitas ideias, ele também, e elas entraram em harmonia, foi ótimo.

No musical você também estava em cena, no palco. Como foi?

Isso foi insistência do Carlos. Ele falou: "Se você entrar no palco dá ânimo para as pessoas". É estranho porque estou acostumada a dar a motivação, dar o incentivo, mas não participar da coisa. Foi interessante. É como uma direção de cena no palco. E como ele também atuava, coisa que também não fazia há muito tempo, foi uma experiência boa para os dois. Por sinal, fomos até participar da Paixão de Cristo, ele queria um coro ao vivo, mas coincidiu com a data de Portugal. Mas fica para o outro ano. Há um tempo gravamos partes corais para a Paixão, que foram para o espetáculo, e agora seria ao vivo.

São espetáculos com muita gente no palco...

E eu gosto muito disso. Fizemos várias vezes o Datas Festivas, juntando gente da Esalq, da Escola de Música, de fora. Diferentes linguagens. Mas a gente faz o melhor que pode, não é? Porque vi o Cirqu du Soleil e é uma coisa impressionante, toda aquela tecnologia, tudo acontecendo ao mesmo tempo. Mas são coisas distintas o tipo de trabalho que se faz com um grupo menor de pessoas e o que se faz com mais gente. Você pode trabalhar arte

como animação cultural, que é a maior parte do seu trabalho: incentivar que as pessoas tenham contato com a música, tenham contato com a arte, e se elas não conseguirem cantar, elas serão um bom público. Isso trabalhando com crianças ou com adultos. Por outro lado, com menos gente como no Grupo Vocal, em que vamos a Portugal, estamos ensaiando quatro horas e meia por dia. Esse é o ritmo de um grupo que pode ser profissional. Mas vai acontecer isso agora, porque essas pessoas têm outras atividades, trabalham com outras coisas. É uma motivação momentânea, que vai dar um cres-

A Empem completa agora 60 anos. Como definiu sua relação com a escola?

A minha vida inteira eu passei lá. Comecei a estudar musicalização infantil com a minha mãe, aos 3 anos, mas desde os 7 já estava na Escola de Música. Aprendi a ler música antes de ler letra. Comecei a dar aula de teoria musical aos 14. E não parei

'A família da minha mãe tinha uma orquestra de cinema, e do lado do meu pai eles também tocavam em banda'

cimento artístico cultural muito grande.

Que outras vezes fez trabalhos no exterior?

Já regí diversas vezes, mas com um grupo que eu mesmo preparei é a primeira vez. Na Argentina fui para regência de orquestra. Fui com bolsista da Fundação Vitti, para esse curso em Bariloche. Na Itália, era um curso com alunos italianos e brasileiros, e a orquestra era romena. Teve um simpósio na Holanda, que era um simpósio de música coral. Também fui a simpósios na Suécia, Estónia, Finlândia. Você acaba conhecendo grupos de vários países e encontra semelhanças e distâncias entre esses grupos. Por exemplo, o coro de Israel é muito semelhante ao brasileiro. E aí você pensa, porque essa semelhança? É musical? É climática? Cultural, política? Essas coisas ajudam muito a sua escolha de repertório e seu entendimento da comunidade com quem está trabalhando.

E isso só é possível pela comunicação não verbal, aquilo da linguagem universal da música. Em que ocasiões isso ficou evidente?

Uma vez estávamos em Tálin, aguardando a nossa entrada. Era um festival com pessoas de 45 países. E havia uma espera enorme, ainda era União Soviética, faz tempo. Estavam todos pensando no que fazer. Então alguém começou a cantar um Dona Nobis Pacem (Deus Dá-nos a Paz), em latim. Toda aquela comunidade começou a cantar, todo mundo conhecia. Nós ficamos cantando uns 20 minutos sem pa-

de dar aula até os 50, que foi o final do ano passado. Nesse tempo eu fiz três faculdades, fiz mestrado, trabalhei na USP em São Paulo, em vários cursos em Campinas. Há 16 anos estou na USP aqui. Tudo sem deixar a Escola de Música. Trabalhei lá com coro infantil-juvenil, misto, sinfônica jovem, orquestra infanto-juvenil, orquestra filarmônica e a banda sinfônica, que é a coisa mais recente e foi um trabalho muito gratificante. Dei muita aula de clarineta, canto, matérias teóricas. São novos rumos, não consigo agora dar aulas lá, mas não deixei de fazer coisas com a escola. Serei uma ótima ouvinte, vou aplaudir. Provavelmente em tempos mais tranquilos façamos mais coisas juntos. É uma coisa que não tem jeito, faz parte de mim. É a escola com nível muito bom, com bons professores, e sempre vemos nos primeiros lugares das faculdades muita gente de Piracicaba por conta disso. É uma escola particular. Porque ter muita gente de Tatuí é normal, você consegue manter uma boa estrutura sendo uma escola do governo. Meu mestrado foi sobre a obra do Mahle. Não tinha como não ser, um compositor que veio aqui para o Brasil para se dedicar à musicalização, toda a obra dele voltada a isso. É muito louvável alguém dedicar a vida a isso.

Esse distanciamento vai ser difícil?

Isso vai diminuir o trabalho, mas não o meu entusiasmo pela escola. E sempre houve um intercâmbio: se tenho um aluno aqui que está se destacando, quer estudar mais, eu encaminho à Escola de Música; se tenho alunos lá que querem participar de um coro com as características dos que temos aqui, eu puxo para cá. Isso nós não vamos perder.

